

# CATEGORIZAÇÕES DE GÊNERO: PERCEPÇÕES E SENTIDOS ATRIBUÍDOS POR COOPERADAS/OS DE UM EMPREENDIMENTO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA<sup>1</sup>

Naeli Simoni-Castro

*Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho' – UNESP/Campus Assis- naeli\_castro@hotmail.com*

## **Resumo**

Esse texto é parte de uma dissertação em desenvolvimento, que objetiva dialogar com as/os trabalhadoras/es de um empreendimento de economia solidária sobre as concepções e sentidos por elas/eles atribuídos aos gêneros e como tais percepções subjetivas interferem e influenciam no trabalho objetivo. O movimento de economia solidária e seus diversos ramos de empreendimentos colocam o sujeito e as condições de vida como elemento central, apostando em uma sociedade mais justa, visando a autogestão em resposta a heterogestão e economia capitalista de competição. Nesse sentido a investigação em curso se propõe a investigar como as ideologias presentes na economia solidária vêm reverberar nos posicionamentos acerca das categorizações de gênero no cotidiano de trabalho das/os cooperadas/os. Os aportes teórico-metodológicos utilizados são aqueles da Clínica da Atividade, uma vertente da Psicologia Social do Trabalho, que tem raiz epistemológica a Psicologia Histórico-Cultural. Essa abordagem tem se dedicado examinar a dialogia e as controvérsias por um coletivo de trabalhadoras/es, em torno de temáticas previamente estabelecidas. A pesquisa encontra-se em fase inicial de análise dos dados coletados, e apresenta resultados parciais.

**Palavras-chave:** Categorizações de Gênero, Trabalho, Percepções e Sentidos.

## **Introdução (justificativa implícita e objetivos)**

Este texto tem por objetivo apresentar o desenvolvimento de uma dissertação que tem por objetivos: a) identificar e analisar a concepção e os sentidos atribuídos à categoria gênero (ser homem e ser mulher) por trabalhadorxs<sup>2</sup> que desenvolvem suas atividades ocupacionais no campo da economia solidária; b) examinar os modos como as concepções e os sentidos que os profissionais conferem às categorizações de gênero interfere e afeta no desenvolvimento cotidiano do trabalho na perspectiva dos voluntários desta investigação. A temática proposta está sendo investigada por meio do estudo de caso de um grupo composto por três trabalhadoras e um trabalhador de um

---

<sup>1</sup> Apoio Fundação de Apoio a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP - núm. processo: 2016/04331-0).

<sup>2</sup> Optamos pelo uso da letra X na sílaba final das palavras trabalhadores e trabalhadoras, em substituição ao "e" e ao "a", para contemplar tanto as trabalhadoras quanto os trabalhadores. Trata-se de uma estratégia discursiva e textual adotada no sentido da busca pela superação do binarismo de gênero. A palavra *trabalhadorxs*, assim grafada refere-se, portanto, aos homens, às mulheres e, também inclui as pessoas que se reconhecem com identidade intersexo ou ainda fora dos assim nomeados grupos identitários.

Empreendimento de Economia Solidária (EES), que está localizada em um município da região do Oeste Paulista, no Estado de São Paulo.

A temática ‘categorizações de gênero’ inclui debates sobre as relações acerca de gênero e divisão sexual do trabalho, bem como contempla discussões sobre os diferentes níveis de reconhecimento profissional e remuneração, dentre outras questões que tendem a problematizar a existência de um gênero dominante, o masculino. No próximo item, abordaremos a metodologia adotada.

## **Metodologia**

Neste estudo estão sendo utilizados os aportes teóricos e metodológicos oriundos da Clínica da Atividade, particularmente para a realização dos processos de coleta e entendimento dos dados. Esta abordagem teórica está inserida no campo da Psicologia do Trabalho e tem raízes epistemológicas situadas no quadro da Psicologia Histórica-Cultural de Vigotski. Vale notar que os estudiosos da Clínica da Atividade têm se dedicado ao aperfeiçoamento de instrumentos a serem aplicados em processos de co-análise do trabalho e na coleta de dados de pesquisas e, neste quadro se encontra a autoconfrontação simples, que foi adotado neste estudo como mecanismo de coleta dos dados. Esse dispositivo tem sido utilizado para estimular a manifestação do plurilogismo e do debate em torno de questões significativas acerca do trabalho por um grupo de profissionais e o estabelecimento de processos dialógicos, entre um coletivo laboral e um pesquisador ou pesquisadora, em torno de temáticas potencialmente controversas que estão presentes no mundo do trabalho e que afetam xs trabalhadorxs.

A autoconfrontação simples compreendeu duas etapas Etapa 1: Aproximação da pesquisadora em relação ao coletivo de trabalho - A primeira fase da autoconfrontação teve como objetivo ampliar o contato da pesquisadora com a atividade laboral e xs trabalhadorxs com os quais atua ao longo da pesquisa. Tratar-se-á do aprofundamento do processo de aproximação gradual da estudiosa em relação ao trabalho e ao coletivo profissional. Nesta fase foram realizados os seguintes movimentos: a) *Movimento 1* – (Documentos prescritivos e contexto sociointeracional de trabalho) - o foco foi conhecer o cenário sociointeracional de trabalho dos profissionais do EES, recorrendo à identificação e exame dos documentos prescritivos do trabalho dos profissionais voluntários da pesquisa. Ainda, foi realizado o levantamento do histórico de produção desses documentos e quais os usos feitos pelxs trabalhadorxs no cotidiano. Foram identificados e examinados os documentos produzidos pelo governo federal regulamentando a economia solidária; A lei do cooperativismo que rege esse movimento a nível nacional; as diretrizes estaduais produzidas pela Secretaria de

Mulheres Catadoras do Estado de São Paulo (SEMUC); e mais especificamente o estatuto e regimento interno do EES; b) *Movimento2*: (Aproximação da pesquisadora do ambiente de trabalho). Nesse movimento a pesquisadora participou do trabalho de campo observando o cotidiano de trabalho e trabalhando com as/os cooperadas/os na mesa de seleção de matérias de papel. Em seguida a pesquisadora fez a observação do trabalho que cada dupla realiza apontando aspectos relevantes em um diário de campo. Posteriormente, foram realizadas entrevistas semiestruturada com as/os quatro voluntárias/os que compõem a comunidade científica ampliada, para assinalar momentos em que a relação gênero fica mais evidente no cotidiano de trabalho.

Etapa 2 - estimular xs trabalhadorxs voluntários a coanálise, em parceria com a pesquisadora, da temática gênero no ambiente de trabalho. Foram seguidos os movimentos: a) *Movimento1*: (Registro e gravação da atividade de trabalho). Após as entrevistas e observação, a pesquisadora registrou em áudio e vídeo, compilando de duas a quatro sequências idênticas escolhidas previamente por cada dupla. A/O trabalhador/a é filmada/o por aproximadamente 30 minutos. Esse procedimento trata-se da coleta de dados sobre o trabalho real e o real do trabalho. É importante ressaltar que é preciso fazer esse registro em diferentes dias e momentos do trabalho, captando assim as variadas formas com o profissional assume esse trabalho e como aparece a relação com o gênero. No movimento a seguir foram estimulados a dialogia entre xs trabalhadorxs a partir da apresentação de recortes da gravação; b) *Movimento2*: (Autoconfrontação simples). A pesquisadora seleciona partes do trabalho gravado em vídeo e áudio e cada voluntário assiste a sequência de trabalho. Os dados recolhidos na pesquisa foram analisados de modo compartilhado entre pesquisadora e os participantes que compõem a comunidade científica ampliada, durante os diálogos de autoconfrontação. O que se pretendeu foi provocar a coanálise através da exibição dos vídeos e diálogos, também foram discutidos e analisados os dados resultantes das etapas de análise documental e de observação-participante. A autoconfrontação simples detalhada acima serviu para provocar o diálogo a fim de levantar como xs trabalhadorxs conceituam e como percebem as categorizações de gênero no ambiente laboral, entendendo se afetam e como tais percepções podem afetar na rotina de trabalho.

Inicialmente, foi adotada a noção de sentido, em sintonia com Vigotski (1934/2000), compreendida como a interpretação de um signo, de uma situação ou de um momento vivido, realizada por uma pessoa historicamente situada em seu contexto econômico, político e sociocultural. De acordo com Perez e Oliveira (2015) o sentido tem a ver com as sensações, afetos e sentimentos mobilizados por uma pessoa em relação a uma situação ou momento. Já a noção de

*concepção*, que também integra a problemática que foi examinada, está relacionada às dimensões reflexiva e cognitiva humana e diz respeito ao entendimento, orientado prioritariamente pela racionalidade, que a pessoa tem sobre um conceito ou sobre uma situação particular. A seguir, o perfil dxs voluntárxs e análise prévia dos resultados encontrados.

### **Resultados e Discussão (podendo inserir tabelas, gráficos ou figuras)**

O grupo de voluntárias/os composto foi de três mulheres e quatro homens, com perfis distintos. A seguir, apresentamos uma tabela com algumas das características:

**PERFIL DXS VOLUNTÁRIXS NA COLETA DE DADOS**

VOLUNTÁRIA/O	A.	J.	R.	L.
IDADE	31 anos	23 anos	30 anos	32 anos
ESCOLARIDADE	Ensino Fundamental	Ensino médio/ técnico em administração	Ensino médio completo; cursos técnicos: operador empilhadeira, eletricista, técnico internet (em andamento); bacharel teologia bíblica.	Ensino médio completo
GÊNERO	Mulher	Mulher	Homem	Mulher
TEMPO DE TRABALHO NO E.E.S.	1 ano	5 anos	2,5 ano – no começo da criação da associação e atualmente por 1 ano;	2 anos
TRABALHOS ANTERIORES	GB alimentos (forno) e diarista	Não obteve	Ajudante de pedreiro	Babá, doméstica, garçoneiro e colheita de laranja (roça);
FUNÇÕES EXERCIDAS NO E.E.S.	Coleta, triagem mesa, prensa, caminhão – carga e descarga	Carrinho (coleta), caminhão pegando carrinhos, vender – carregar e descarregar.	Preseiro, operador de empilhadeira, secretário, coleta de caminhão (coletar os bags já empilhados na rua).	Coleta na rua, organizadora de barracão, suplente do conselho fiscal da cooperativa, prensa, esteira, carga.

(83) 3322.3222

contato@enlacandosexualidades.com.br

[www.enlacandosexualidades.com.br](http://www.enlacandosexualidades.com.br)

A partir da autoconfrontação simples que é composta pelos instrumentos de observação, entrevista semiestruturada, e coanálise dos registros em vídeo, assim como o convívio diário ao longo de dois meses com o coletivo de trabalhadoras/es e anotações em diário de campo, é possível elencar alguns elementos que apontam para a concepção dxs voluntários acerca das categorizações de gênero e como pode afetar no desenvolvimento do trabalho.

A temática ‘categorizações de gênero’ inclui debates sobre as relações acerca de gênero e divisão sexual do trabalho, bem como contempla discussões sobre os diferentes níveis de reconhecimento profissional e remuneração, dentre outras questões que tendem a problematizar a existência de um gênero dominante, o masculino.

Em coanálise com xs voluntárixs da pesquisa, foi unânime a correlação de homem à capacidade de exercer força física em detrimento de uma deficiência da mulher nesse quesito, como exemplifica o trecho da entrevista com a voluntária A:

O homem tem mais força que mulher na hora de erguer fardo, por exemplo. Um ou dois homens já conseguem fazer sozinhos, já a mulher precisa-se de muitas. Já a mulher é mais frágil para certas coisas. (entrevista semiestruturada A.)

Apesar de o elemento “força” ser tomado como definidor da figura masculina, tanto as mulheres quanto o homem voluntário da pesquisa afirmam – por vezes sutilmente outras veementemente – que embora partam do princípio de que o homem tem mais força, no cotidiano de trabalho quem exerce a maior parte das atividades, ainda que exija uma maior capacidade de força física, são as mulheres. Á exemplo dessa percepção a campo, reproduzimos trechos dos diálogos, onde P. são as colocações e perguntas da pesquisadora e R. as respostas dxs voluntárixs, seguem fragmentos das falas de A. J. e R, respectivamente:

P: as vezes vocês arrastam bastante material, que é pesado. Então como é isso, sendo que na tua opinião os homens tem mais força?

R: sim eles tem mais força, mas elas que fazem muita mais força.  
(Autoconfrontação A.)

J. em sintonia com A, afirma que:

Faz carga, mulher e homem fazem. Mas no nosso trabalho mulher faz mais, empurra carrinho. Homem é mais prensa, em cima do caminhão e só vai carregar peso quando chama, senão não carrega.(Entrevista semiestruturada, J.)

O voluntário R., concorda com as voluntárias e ainda acrescenta que:

Elas lavam banheiro, elas limpam o escritório aqui, elas trabalham lá triando, aqui, ali. Elas fazem o serviço que os homens fazem lá na prensa. Você pode ver que sempre tem mulher lá, né, na prensa, elas tão prensando, às vezes você chama elas para puxar um *bag*, para rolar um fardo, elas vêm, entendeu, então no geral mesmo elas trabalham mais que nós. O serviço delas é mais repetitivo entendeu. Os homem é mais aquilo ali, prensa, carregar, nós fica com a parte mais ruim, que é a parte mais bruta, mas elas fazem também. Trabalha mais que homem, se for ver. (Entrevista semiestruturada R.).

O modo de perceber gênero, com ênfase para a questão física, como J. R. e A. apontam para a força tem a ver com aquilo que Mathieu (2009) descreveu como diferenciação funcional entre os sexos, conforme segue:

Aquilo que é apenas uma diferenciação funcional em uma área leva a maioria dos seres humanos a pensar em termos de diferença entre os sexos como uma divisão ontológica irredutível em que sexo e gênero coincidem e cada um deles é exclusivo do outro (MATHIEU, 2009, p. 223).



A busca por reduzir o gênero ao sexo, extrapola ao deduzir a heterossexualidade de formas que as funções determinantes de cada grupo possa ser executada, como discutido no tópico 2 em “Raízes e problemáticas das categorizações de gênero”. Quando questionado se o que difere de ser homem ou mulher seria o órgão sexual, o voluntário R. concorda e acrescenta:

R:É. Não vai mudar, você nasceu homem, independente de você cortar o negócio dele e transformar aquilo, se tem jeito de mudar algumas característica, pela medicina mas diante de deus ele vai continuar sendo homem, não vai mudar. (Entrevista Semiestruturada R.).

Portanto, as funções em que homens e mulheres vão se dedicar no empreendimento, estão estritamente relacionadas àquelas atividades predefinidas socialmente enquanto femininas ou masculinas, que por sua vez toma como parâmetro o órgão sexual, o sexo. Além de ocorrer a diferenciação do trabalho, também ocorre a hierarquização - um subproduto da divisão sexual do trabalho - subvalorizando aqueles exercidos pelas mulheres em relação às funções masculinas.

A divisão sexual do trabalho norteia-se por dois princípios: o princípio da separação, que segmenta trabalho de homens e trabalho de mulheres e o princípio da hierarquia, que valoriza aqueles exercidos pelos homens em detrimento do trabalho tipicamente feminino. A educação sexista, responsável por diferenciar o mundo binariamente, apresenta um arsenal de estereótipos que seriam *típicos de homem* e *típicos de mulher*, também presente no mundo do trabalho, não apenas dividindo *trabalhos de homem* e *trabalhos de mulher*, como também os hierarquizando, subvalorizando o trabalho compreendido naturalmente como feminino. Uma maneira de desmistificar o caráter natural de determinadas funções no mundo do trabalho é observar que trabalhos tidos como tipicamente feminino em determinada cultura, são ao mesmo tempo tipicamente masculino em outras, conferindo a determinação social para a existência da divisão sexual do trabalho (CISNE,2013, pp. 117-118). Hirata e Kergoat (2007) defendem que os princípios da separação e hierárquico de divisão sexual do trabalho encontram em todas as sociedades conhecidas e são legitimados pela ideologia naturalista, mas as modalidades variam grandemente em espaço-tempo (HIRATA & KERGOAT, 2007, p. 600).



No EES em que ocorreu a recolha dos dados, também no processo de observação foi possível notar a hierarquização a partir de uma maior valorização do processo de prensa,. Coincidentemente, essa foi uma das funções notadamente apontada como masculina, assim como a de motorista. Tal percepção foi reafirmada nas entrevistas e autoconfrontação, como enfatiza J. ao ser questionada qual das funções é melhor exercida por homens, a entrevistada responde: “Homem destaca mais na prensa ou caminhão”. (Entrevista semiestruturada J.) Quem executa o processo de prensagem obtém um reconhecimento diferenciado também por ser um dos últimos procedimentos antes da venda e a velocidade com que executa é que vai garantir, ou não, o lucro mensal dxs cooperadxs.

As categorizações de gênero podem influenciar o cotidiano de trabalho a partir do momento em que se toma esse quesito como elemento que define as funções que cada gênero é capaz de exercer. Na fala do entrevistado R. fica evidente duas considerações que nos dão pistas sobre o quanto as categorizações de gênero podem influenciar o cotidiano de trabalho: primeiramente o incômodo causado pelas atitudes que partem do pressuposto de gênero e também a constatação do lugar valorizado que a prensa ocupa nesse contexto em detrimento das outras atividades presentes no trabalho desse empreendimento:

Às vezes nós tá trabalhando na prensa, às vezes tem mulher até que tá parada, que poderia subir lá na pilha, pra rolar um fardo, não sobe, retira nós de lá para fazer o serviço, porque ela acha que só homem tem que fazer aquele serviço. (Entrevista Semiestruturada R.)

Se a divisão sexual do trabalho, que tipifica o mundo do trabalho em naturalmente femininos e masculinos, têm suas determinações estipuladas em espaço-tempo específicos, a ideia da feminilidade da forma estereotipada como é apresentada também é um fenômeno social, e surge com o capitalismo industrial. Segundo Davis (2010) essa ideologia é subproduto da industrialização, disseminado através da mídia pelas revistas femininas e romances e culminando na clivagem da economia em economia doméstica e economia pública. (DAVIS, 2010, p. 25). A economia doméstica, ou mais comumente conhecida como trabalho doméstico, é definida como:

[...] um conjunto de tarefas relacionadas ao cuidado das pessoas e que são executadas no contexto da família-domicílio conjugal e parentela – trabalho gratuito realizado essencialmente por mulheres. (FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009, p.257)

Na instituição em estudo, foi possível notar a ideia da feminilidade extrapola o contexto da família-domicílio e foi reproduzida também no contexto profissional. Ali, o estereótipo de gênero não permite que homens executem a tarefa do cuidado, mais especificamente a limpeza semanal do banheiro. Esse fato acaba por se tornar outro mal estar entre xs cooperadxs, pois se designa esse trabalho às mulheres, que se veem injustiçadas e envergonhadas, reduzidas à uma suposta condição feminina. Quando questionado por que as entrevistadas não aceitaram que se fizesse filmagem desse momento do trabalho, a entrevistada J. responde:

R: Ah eu acho que é vergonhoso, eu acho que é humilhante sabia?! Além de ce trabaiá.. sei lá eu acho humilhante por que além de cê trabalhar cê tem que lavar banheiro ainda. [...] Só tem mulher. E por que um homem não pode lavar um banheiro?

P: Então eu queria te perguntar isso... (risos)

R: (*passa a mão no nariz*) Então... (*pigarro*) que eles fala que home tem que pensar neh? Mas eu não acho certo por que se o homem ele também faz xixi no vaso ele também tem que lavar neh?! Eu acho que deveria ter posto... Na verdade eu acho que as mulheres passa muito a mão na cabeça deles, por que quando usava a cozinha na época todas as mulheres limpava a cozinha e por quê que eles não?! Igual o banheiro, eles usa o banheiro, por que que usa o banheiro deles mas a gente lava, mas então por que que não pode lavar também? Manda O Jorge... mando o.. divide os homens. Pelo menos lavar o banheiro das mulheres e deles também, mas quem sou eu pra falar alguma coisa? (Autoconfrontação J.)

Entre as voluntárias de pesquisa, foi evidente que o fato de categorizarem a mulher como única responsável pelo cuidado, mais especificamente com a limpeza do banheiro, tem sido um dos fatores que as afetam negativamente, pois se sentem humilhadas pelo coletivo. Outra questão que se evidencia e que tem atingido xs voluntárixs de pesquisa é o estereótipo de que a força está na categoria do grupo masculino. Se por sua vez o voluntário masculino aponta para a incumbência pesarosa de ficar com as funções que exigem mais da força física dos homens, para as voluntárias mulheres fica também evidente de que o estereótipo de homem que trabalharia mais por ter mais força, traz ocmo contrapartida o estereótipo de que as mulheres trabalhariam menos, por depender

mais da força masculina, o que por sua vez abre precedentes para que os homens deleguem mais trabalho à essa categoria que supostamente menos trabalharia. Em determinada altura da entrevista, o voluntário R. concorda com esse argumento acerca da sobrecarga de trabalho para as mulheres:

P: Mas e os homens fazem tudo também?

R: Não, não fazem tudo. Se você for olhar no geral as mulher faz mais serviço que os homem.

P: É?

R: É, completamente. (Entrevista Semiestruturada de R.)

Uma questão que se evidencia e que tem atingido xs voluntárixs de pesquisa é o estereótipo de que a força está na categoria do grupo masculino. O voluntário masculino aponta para a incumbência pesarosa de ficar com as funções que exigem mais da força física dos homens, em contrapartida o estereótipo de que as mulheres trabalhariam menos, por depender mais da força masculina, abre precedentes para que os homens deleguem mais trabalho à essa categoria que supostamente menos trabalharia.

## **Conclusões**

Por se tratar de um resultado parcial de pesquisa em andamento, não é possível tecer conclusões.

## **Agradecimentos (sendo de caráter opcional)**

Agradecemos à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) por subsidiar a pesquisa. Número processo: 2016/04331-0. E ao Empreendimento de Economia Solidária que tem colaborado com a pesquisa, em especial aos voluntárixs.

## **Referências**

CISNE, M. **Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social**. 2ª edição, São Paulo: Outras Expressões, 2015.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. – 1 ed, - São Paulo: Boitempo, 2016

PEREZ, D.; OLIVEIRA, S.O. Formação de Professoras no Curso de Pedagogia: O Refletido e o Vivido. **Revista comunicações**, v. 22, p. 99-118, 2015.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

MATHIEU, N.C. Sexo e gênero. *In: **Dicionário Crítico do Feminismo***. Org. Helena Hirata [et al.] (orgs.) – São Paulo: editora UNESP, 2009.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, D. Trabalho Doméstico. *In: Helena Hirata.. [et al.] (orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo***, São Paulo 2009, pp.256-260.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1934/2000.